

## PRODUÇÃO DE TEXTO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

*Vania Kelen Belão<sup>1</sup>, Ana Maria da Costa Santos Menin<sup>2</sup>*

- 1- Departamento de Educação - Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP – Brasil. Rua Roberto Simonsen, 305 – Centro Educacional – CEP 19060-900 - Presidente Prudente-SP. / Residencial: Rua Otto Jung, 32, Centro – CEP. 19560-000 - Indiana, SP – vanilab@zipmail.com.br
- 2- Departamento de Educação - Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP – Brasil. Rua Roberto Simonsen, 305 – Centro Educacional – CEP 19060-900 - Presidente Prudente-SP – anamenin@prudente.unesp.br

**Palavras-chave:** Correção, Avaliação da aprendizagem, Produção de texto, Ensino-aprendizagem.  
**Área do Conhecimento:** VII – Ciências Humanas - Educação

### RESUMO

Esta pesquisa pretende investigar as possíveis contribuições dos textos produzidos pelos alunos para a realização da avaliação formativa, bem como analisar e refletir sobre as relações existentes entre formação dos professores e a prática da avaliação em sala de aula. Trata-se de uma abordagem quantiqualitativa de pesquisa, para a qual foi proposto um estudo bibliográfico, seguido de observações em duas salas de aula – que envolvem análise dos textos produzidos pelos alunos e da prática avaliativa da docente –, acompanhada de entrevistas com professores e alunos. Os resultados obtidos até então compreendem reflexões e análises teóricas sobre o trabalho com textos em sala de aula e sobre as práticas e as características da avaliação de modo que auxilie a aprendizagem dos alunos. Foram feitos ainda estudos que estabelecem relações entre o processo de formação inicial e continuada dos professores e suas práticas educativas. Verificou-se que, mesmo diante dos novos discursos que têm permeado a prática avaliativa, são poucas as mudanças significativas na prática da avaliação nas escolas. De acordo com as pesquisas atuais sobre avaliação, podemos afirmar que sua natureza não concebe relacioná-la a instrumentos de medida de resultados obtidos pelo aluno, com fim último de aprová-lo ou reprová-lo, mas como processo de acompanhamento do desenvolvimento do educando, que implica uma regulação feita pelo professor e pelo aluno, objetivando melhorar o ensino-aprendizagem. Neste processo, o texto pode ser um aliado, pois é uma forma de expressão dos alunos, que pode fornecer informações que auxiliem a identificação e interpretação sobre as aprendizagens e dificuldades dos alunos em diversos saberes escolares, auxiliando assim, a realização das remediações necessárias.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa refletir sobre a formação de professores em relação ao como avaliar as aprendizagens escolares enfocando, especialmente, os aspectos sobre a avaliação das produções de textos.

Por considerar importante focalizar o processo de formação do professor, propus analisar e discutir as relações entre formação docente e os procedimentos de avaliação das produções de textos em sala de aula, nas séries iniciais do ensino fundamental, com vistas a garantir uma prática avaliativa que contribua para a promoção das aprendizagens dos alunos e para a formação de bons produtores de textos.

Considerando o papel da avaliação, particularmente, no que diz respeito à produção de textos, busco repensar a prática avaliativa, a partir de novas perspectivas que vêm sendo

apontadas tanto por estudiosos da avaliação quanto por aqueles que discutem o ensino de língua portuguesa, privilegiando a construção do conhecimento e a aprendizagem significativa do aluno, ao se apropriar do código linguístico escrito.

Uma vez que a pesquisa está em andamento, serão apresentados, a seguir, resultados parciais obtidos no estudo bibliográfico.

### METODOLOGIA

Esta pesquisa objetiva conhecer a concepção que os professores possuem sobre como avaliar os alunos e, de que forma ela influencia sua prática; bem como investigar que contribuições as produções de textos podem proporcionar para a prática da avaliação formativa.

Buscando elementos para uma maior compreensão em relação a esses aspectos, estou

realizando um estudo bibliográfico, que será seguido por um processo de observação em duas salas de aula. Serão feitas entrevistas com professores sobre sua formação docente, e com os alunos sobre o papel da avaliação e produção de textos para os sujeitos desta pesquisa. Serão realizadas ainda, observações de acompanhamento do trabalho docente no que se refere à produção, correção e avaliação de textos escritos pelos alunos, atentando para as possíveis contribuições desses textos para a realização da avaliação de modo a cumprir sua função formativa. As informações obtidas poderão auxiliar na análise das práticas docentes considerando a formação continuada dos profissionais.

## RESULTADOS

Dispensa-se um convincente discurso para comprovar o quanto a utilização da língua através da escrita de textos, faz-se relevante em nossa sociedade, nas diferentes regiões do país e em todo o mundo. Entretanto, ao atentarmos para o que nos demonstram estudos como os realizados por Jussara Hoffmann (2002) e outros autores, vemos o quanto o ensino de textos tem sido problemático nas escolas, o que torna esta uma questão ainda mais urgente no âmbito educacional.

Ao observarmos a prática docente nas escolas, em diferentes níveis de ensino, podemos perceber claramente uma excessiva preocupação com o ensino da gramática da língua, muitas vezes sem uma efetiva interligação com o uso desses aspectos ao trabalhar com produções escritas. Hoffmann (2002) aponta alguns aspectos para os quais as escolas deveriam prestar mais atenção, dentre os quais destaco os seguintes:

- a escassez de oportunidades oferecidas pelos alunos de expressão escrita de suas idéias em todas as disciplinas; (...)
- a desarticulação entre as propostas pedagógicas desenvolvidas e as dificuldades que os alunos apresentam em termos de produção de textos;
- o não-acompanhamento da evolução do estudante em redações sucessivas, analisando-se textos esporádicos dos alunos, sem articulá-los ao conjunto de suas produções; (...)
- a falta de trocas interativas, na escola, entre os alunos e professores, para discutir idéias e melhores jeitos de expressá-las;

- uma avaliação centrada no julgamento final, ao invés de procedimentos avaliativos qualitativos e mediadores, formadores de um escritor reflexivo, atento e responsável pelo aprimoramento de seu texto. (HOFFMAN, 2002, p. 13-14)

Entre os aspectos elencados acima, gostaria de chamar a atenção primeiramente para aqueles que se referem à avaliação. É proposta, neste trecho, uma prática avaliativa contínua e qualitativa que acompanhe o aluno em seu processo de aprendizagem, atribuindo ao próprio aluno uma função relevante no processo de auto-avaliação e aprimoramento de seus textos. Da junção desses dois aspectos: produção de texto e avaliação, nasce e se desenvolve esta pesquisa.

O texto é um elemento complexo e a forma de expressão dos alunos, podendo fornecer informações que auxiliem o professor a conhecer e interpretar as aprendizagens e dificuldades dos alunos em diversos saberes escolares. Em estudos realizados, foi possível identificar também a relevância das produções de texto não apenas como parte do processo de formação do aluno, mas também como meio de informação sobre as aprendizagens dos educandos, pois em suas produções os alunos manifestam os conhecimentos adquiridos ou não em diversas disciplinas do currículo escolar. Desta forma, vejo o texto como uma unidade de informação que pode oferecer elementos muito ricos para o professor, através de uma avaliação atenta e criteriosa, estabelecendo-se uma relação dinâmica entre texto e avaliação.

### Produção de textos

Para que se efetue uma prática que vise a formação de bons produtores de textos, é preciso ter bem claro não apenas o que é ser um bom produtor de texto, mas também o que é um bom texto, conforme foi discutido anteriormente. Em uma abordagem mais tradicional, um bom produtor de textos pode ser compreendido como aquele que é capaz de organizar palavras formando frases e estas, formando parágrafos, de acordo com as normas gramaticais. Estes aspectos são realmente importantes mas, não são suficientes para expressar a qualidade do texto produzido.

Se partirmos do pressuposto de que o texto possui uma dimensão triádica, não podemos tomar como princípio que, para que o aluno seja um bom produtor de textos, deva apenas usar corretamente a ortografia e a gramática, por exemplo. É preciso que ele seja capaz de utilizar os recursos da ortografia e da gramática para, através da escrita, comunicar, de modo adequado

a mensagem que pretende transmitir, a um determinado tipo de leitor, utilizando para isto, suas concepções e conhecimentos adquiridos no meio social no onde vive e através da leitura de outros textos.

Convém levar em consideração também que, quem escreve, o faz para que alguém leia e precisa ter consciência disto, visto que o tipo de leitor que se quer atingir, exige uma forma específica de tratamento com a linguagem. Em relação às crianças das séries iniciais, os destinatários dos textos que elas venham escrever, podem ser os pais, as crianças de uma outra classe ou série e até um leitor indeterminado, o que exige um texto com uma linguagem e estrutura mais elaboradas, mais simples, ou ainda, mais flexíveis. O ato da escrita do texto não pode se dar de forma aleatória, mas é primordial que o aluno identifique o sentido e a função do que está produzindo. Se entendermos a prática da produção de texto como um processo comunicativo, como atividade discursiva, é preciso que ela se realize num espaço onde sejam consideradas as funções da escrita, bem como as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como se escreve.

Baseando-se nas afirmações acima e nas propostas que alguns autores apresentam, vejo como sendo relevante que o aluno conheça as características e as formas de produzir os diferentes tipos de texto: como escrever uma carta a um amigo, um bilhete para os pais, um cartaz para pregar na escola, etc. Identifica-se, assim, a necessidade de o aluno ter contato com diversos tipos de textos, através da leitura e escrita, apresentando diferentes intenções em várias situações.

Uma das críticas que Britto (1999) faz às atividades de produção de textos é que elas não estão associadas a experiências da vida dos alunos, mas a situações rígidas e bem definidas pelo professor que divergem daquelas nas quais o aluno precisará utilizar-se da linguagem escrita para se comunicar em seu meio social.

O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota). Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria do “gosto” e da visão de língua do professor. (p. 120)

Este tipo de prática inibe a capacidade criadora e de aprendizagem mais ampla do aluno. Conforme nos afirma Jolibert (1994) o ato de produção de textos não deve ser algo penoso, “é preciso que, em cada criança, o escrever não seja sinônimo de trabalho enfadonho, bloqueio e fracasso, mas que evoque, em vez disto, projetos realizados graças à escrita (...)” (p. 16). É neste sentido que afirmo ser muito mais proveitoso para o aluno ter contato com diferentes tipos de texto desde as séries iniciais, se envolvendo em situações reais e estimulantes de produção. Isso implicaria não apenas em produzir um bilhete, escrever uma narrativa, ou uma reportagem mas, escrever um bilhete para alguém, produzir uma narrativa ou uma reportagem para fins específicos como a produção de um livro ou a montagem de um jornal. Assim, desde cedo, o aluno estaria buscando uma coerência mais próxima do desejável, por meio de uma intencionalidade específica e através de situações estimulantes que possam auxiliar para sua atuação no meio em que vive.

Como já foi visto anteriormente, o ato de produção de textos não deve ser algo realizado de maneira artificial e fora de um contexto socialmente significativo para o aluno. Também não deve ser algo penoso, ou apenas uma atividade com objetivo de atribuir-lhe um julgamento. A avaliação dos textos produzidos pelos alunos é uma prática necessária, não apenas para identificar os avanços dos alunos, mas também para orientar os sujeitos (professor e aluno) do processo ensino-aprendizagem a regularem as aprendizagens no sentido de proporcionar condições favoráveis para que o aluno desenvolva de maneira positiva seus conhecimentos e habilidades de escrita.

### **A avaliação da aprendizagem**

Conforme afirmam autores como Luckesi (1996), Hadji (2001), e Vasconcellos (1998), a avaliação não é um instrumento de medida para aprovar/reprovar o aluno mas, deve ser entendida como um processo, por meio do qual, professor e aluno voltam o olhar para suas produções, identificando e analisando os aspectos de sucesso e os problemáticos. A partir daí, não cabe simplesmente atribuir uma nota ou conceito, que será o indicador de aprendizagem ou não e orientará a aprovação/reprovação do educando. Avaliar, não é simplesmente julgar, a tarefa a ser realizada após o julgamento é tão importante quanto a primeira, e pode produzir resultados mais significativos para o aluno e para o professor.

A avaliação está presente nos mais diferentes aspectos da nossa vida, somos constantemente avaliados em tudo o que fazemos. Lino de Macedo (2000) afirma que o bebê avalia cada

movimento que realiza até chegar a um ponto de equilíbrio, que lhe permite andar. Se pararmos para pensar, podemos perceber que o desempenho da criança também é constantemente avaliado pelos pais, pelo pediatra, entre outros. Nós somos avaliados em nosso trabalho, no convívio social e também nos avaliamos, modificando aspectos que não nos proporcionavam o sucesso esperado. Vemos aqui, a constância da avaliação em nossa vida, o que nos leva a refletir sobre sua relevância. No entanto, a relevância da avaliação é consenso entre os profissionais da educação, embora seja compreendida e praticada de maneiras diferentes e, em alguns casos, até opostas. Muitos a vêem como um "mal necessário", outros como uma forma de manter o controle disciplinar dos alunos, como um instrumento de punição ou coerção (Afonso, 2002) e outros, ainda, como algo que permite um olhar mais cuidadoso sobre a realidade educacional, permitindo uma tomada de decisão sobre aspectos relevantes do processo ensino-aprendizagem, com vistas a proporcionar melhora nas aprendizagens dos alunos (Luckesi, 1996).

Compreendo que se faz necessário uma tomada de consciência dos docentes, no sentido de praticar a avaliação baseados na última concepção apresentada acima, pois desta forma, estará cumprindo seu verdadeiro papel, uma vez que ela não é apenas um momento estanque, mas um processo de acompanhamento das aprendizagens dos alunos.

A avaliação que venho apresentando como necessária, é denominada por autores como Hadji (2001) e Afonso (2002) como **avaliação formativa**. Ao cumprir sua função formativa, a avaliação pode quebrar muitos mitos que lhe atribuem um caráter apenas punitivo e amedrontador.

### **Avaliando produções de textos**

De acordo com os vários autores estudados, como Hadji, Hoffmann e Luckesi, foi possível identificar que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem e seu objetivo não deve ser o de atribuir uma nota ou conceito unicamente para verificar o que o aluno aprendeu ou não, mas fornecer informações para que aluno e professor atuem no sentido de um progresso das aprendizagens, conforme as necessidades verificadas. Desta forma, a avaliação não será vista nem pelo professor, nem pelo aluno, como algo punitivo ou um julgamento depreciativo sobre sua produção.

Como vem sendo desenvolvido o trabalho de produção e correção/avaliação dos textos nas escolas? Em geral, o que se identifica nas correções feitas pelos professores nos textos

produzidos pelos alunos, é apenas a correção de erros ortográficos e, por vezes, de pontuação. Estes são aspectos relevantes da comunicação escrita e devem sim ser trabalhados pelos professores. Haveria algum problema neste tipo de correção? Estes são apenas alguns aspectos do texto e, mesmo se tratando de séries iniciais do ensino, não se constituem como os únicos aspectos a serem valorizados. Além disso, o simples apontamento de uma palavra grafada errada ou de um sinal de pontuação colocado em local inadequado ou mesmo a ausência deste, não garantem que o aluno terá suas dificuldades superadas.

Antes de aplicar um julgamento sobre o erro cometido pelo aluno, cabe um trabalho de identificar se este é um erro construtivo (que resulta da elaboração de uma hipótese baseada em alguns aspectos verdadeiros, mas que não é suficiente para atender a todas as particularidades do objeto), se foi cometido por desconhecer o uso correto de alguma regra ou um procedimento, se foi em decorrência do esquecimento ou não saber grafar corretamente uma palavra, etc. A partir da identificação destes dados, torna-se mais fácil definir qual medida deverá ser tomada para as dificuldades apresentadas pelos alunos, visto que cada dificuldade deve ser trabalhada de forma específica.

Se forem identificadas as dificuldades citadas anteriormente (ortografia e pontuação), por exemplo, pode ser realizado um trabalho sistemático que envolva atividades de diversas naturezas, como pesquisa, leitura e novas produções escritas, onde as dificuldades apresentadas pelos alunos sejam abordados de maneira significativa e desafiadora.

Muitas vezes a escola acaba inibindo a escrita do aluno, através da avaliação, quando pune o mesmo indevidamente pelos erros ortográficos cometidos na produção de um texto, por exemplo. A posição da escola deve ser, ao contrário, a de estimular o aluno a escrever mostrando para ele a importância de ser um cidadão que possui a cultura da escrita.

Diante de atitudes punitivas ao cometer algum tipo de erro na escrita de textos, o aluno pode deixar de escrever ou passar a escrever pouco com medo de que seu texto esteja cheio de erros, prejudicando assim, sua capacidade criativa de produzir. Posso citar como exemplo, uma situação presenciada em uma 4ª série do ensino fundamental, durante a realização de estágio obrigatório da disciplina de Prática de Ensino do curso de Pedagogia. Um aluno, antes de concluir sua redação, vai até onde está a professora e lhe mostra a parte que já havia escrito. A professora olha e, com tom de desaprovação diz: - Dá só uma olhada nisto aqui, só neste pedaço já estou

vido um monte de erros – ela estava se referindo aos erros de ortografia que o aluno cometera. O aluno volta para sua carteira e conclui o texto em poucas palavras. Depois, li seu texto e percebi que houvera um corte no final da história, que parecia estar sem sentido. Perguntei se já havia terminado de escrever e ele disse que sim. Perguntei ainda por que não quisera escrever mais, ao que ele respondeu que se o fizesse, “erraria muito”.

Parece-me assustador, o poder que o professor tem nas mãos de, através de uma “simples correção” ou “julgamento” em relação à produção do aluno, causar um efeito tão devastador a ponto de prejudicar seu processo de crescimento e desenvolvimento da habilidade de escrita, conforme foi possível verificar no relato acima.

Trevizan (1998) afirma que, se a visão que os professores possuem de texto, é incompleta, não considerando a dimensão pragmática e o caráter dialógico dos textos, “acaba elegendo a unidade frasal, ou seja, a gramática da frase como objeto único de preocupação no processo ensino/aprendizagem da escrita” (p.38). Acrescenta ainda que os professores do ensino fundamental

têm, inclusive, no momento da avaliação das produções de textos de seus alunos, limitado sua ação docente ao mero julgamento final das mesmas, utilizando-se para isto, da assimetria texto bom/texto ruim, pautada, sobretudo, pelo conferimento da correção/incorreção gramatical da estrutura lingüística produzida (p.39).

Dessa forma, percebem-se práticas de valorização de textos que apresentam frases escritas de maneira correta quanto à gramática e ortografia e sem uma coesão entre a mensagem que transmitem o conjunto das frases, sendo esvaziadas de ideologia, e uma desvalorização de textos que apresentam coerência quanto ao encadeamento das idéias, ricos em conteúdos, mas que possuem erros de ortografia e estrutura textual.

Todos estes aspectos são necessários para a construção de um bom texto, e isso não discuto, mas, o que a autora supracitada afirma e concordo, é que na avaliação não deve ocorrer uma supervalorização de alguns aspectos do texto em detrimento de outros, pois assim, corre-se o risco de desconsiderar aspectos bons presentes nos textos dos alunos e avanços relevantes na habilidade de escrita destes. Agora, pense comigo: se aquilo que o aluno conseguiu atingir com seu texto, não foi considerado como aspecto positivo pelo professor, mas seus erros

foram destacados, naturalmente o aluno “compreenderá” que seu texto estava todo ruim. Isto pode levar o aluno a regredir, deixando de escrever de acordo com os conhecimentos que já possui, em busca de adequar sua forma de escrita às exigências do professor.

Assim, se a estrutura de texto que o professor exige, é a de unidades frasais gramaticalmente corretas, desconsiderando a capacidade de construção de texto rico no que se refere aos conteúdos que apresenta e nas relações estabelecidas com o contexto, poderá estar limitando o aluno em seu processo de aprendizagem da escrita.

Neste sentido Trevizan (1998) afirma ainda que

Na verdade, é necessária aos professores do ensino fundamental uma concepção mais abrangente de texto, para priorizarem a qualidade significativa da construção verbal, em detrimento de uma preocupação exclusiva com a correção dos aspectos exclusivamente gramaticais (p. 48).

Esta autora apresenta como elemento essencial para auxiliar os alunos na produção de textos a leitura de diversos textos, que possam servir não como mero modelo a ser copiado, mas como uma rica experiência de leitura enquanto diálogo do leitor com o texto num processo de (re)atribuição de sentidos, ampliando os conhecimentos sobre ortografia, gramática, estrutura textual, estabelecendo relações de intertextualidade. Esta prática, poderá oferecer aos alunos elementos que auxiliem grandemente na produção de textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado é possível perceber que o processo de avaliação não é apenas um caminho para o professor atribuir uma nota ao aluno, mas também para informá-lo sobre sua aprendizagem, seus progressos e dificuldades. Se realizada com intuito de reorientar e reencaminhar a forma de atuação do professor e do aluno, a avaliação poderá proporcionar melhorias significativas nos resultados alcançados.

Um trabalho adequado com produções de textos, que envolva um acompanhamento sério das expressões – livres ou orientadas – dos alunos através da escrita, poderá oferecer informações relevantes para o professor avaliar e redimensionar o processo ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO, Almerindo. *Avaliação educacional: regulação e emancipação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRITTO, L. P. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produções de textos escolares). In: GERALDI, J. W. (org). *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 1999.

HADJI, Charles. *A Avaliação Desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFAMN, Jussara. *Avaliando redações: da escola ao vestibular*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre, 1994.

JOLIBERT, Josett. *Formando Crianças Produtoras de Textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 4ªed. São Paulo: Cortez, 1996.

MACEDO, Lino de. *Papel do professor em relação à prática avaliativa*. (Mesa redonda), 21 de Agosto de 2000.

TREVIZAM, Zizi. *As Malhas do Texto: Escola literatura cinema*. São Paulo:Clíper, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Avaliação: superação da lógica classificatória e excludente*. Do "é proibido reprovar" ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Libertad, 1998.

**AGÊNCIA FINANCIADORA: CAPES**